

## **Registro do Diálogos da Coordenação de Promoção do Direito à Cidade**

**Data:** 30/10/2013

**Local:** Praça Roosevelt

**Horário:** 19h – 22h20

O Diálogos foi aberto com a fala do Secretário Municipal de Direitos Humanos e Cidadania Rogério Sottili, que afirmou a importância de “ocupar a cidade com cidadania para disputar a cidade”. A retomada da ocupação dos espaços públicos, através de diversas formas, pela sociedade civil deve ser fomentada e estimulada por políticas públicas com objetivo de disputar os valores e promover os direitos humanos e a cidadania.

O Coordenador de Promoção do Direito à Cidade, William Nozaki, iniciou dizendo que o objetivo do encontro era a construção coletiva do Plano de Ocupação do Espaço Público pela Cidadania com os novos atores da cidade. Durante a apresentação dos principais tópicos do Plano, afirmou que o desafio é abordar os direitos humanos na perspectiva de concretude e colocou a necessidade de humanizar os espaços públicos, promovendo o encontro e convívio dos diferentes.

### **Falas da Plenária:**

#### **José Vieira – Manifesto Carnavalista**

José disse que o carnaval de rua não usa verba pública, mas ocupa o espaço e blocos não dependem de verba pública. O carnaval de rua precisa apenas de reconhecimento de uso do espaço e de manifestação legítima no espaço. Afirmou que a SMC parou o diálogo com o movimento carnavalista.

#### **Ana Dulce – moradora da rua Frei caneca**

Solicitou uma cidade menos cinza para viver. Afirmou que há pedaço, área particular, da rua Caio Prado com pedaço de mata Atlântica e que há uma luta pelo parque na região. (Parque Augusta)

#### **Zico Correa – praticante de Le parkur**

Relatou que os praticantes de Le parkur tentam ocupar os espaços abandonados, mas são expulsos. Solicitou o reconhecimento da legitimidade da prática do Le parkur na cidade.

#### **Paulinho - Existe Amor em SP**

---

Falou que a cidade precisa de espaços para as pessoas se encontrarem.

Lembrou que hoje, a Praça Roosevelt é espaço da polícia militar. É estacionamento de carros da PM. Ao afirmar que o espaço da Roosevelt precisa ser reconquistado, exemplificou com ações como a Praça Memorial Vladimir Herzog, na Câmara municipal a qual foi renomeada em um ato simbólico por ativista e militantes do direito à memória e verdade.

Paulinho pergunta sobre a mudança do nome da Praça Franklin Roosevelt e do Elevado Costa e Silva.

Ainda, afirmou que o edital proposto pela Coordenação deve ter diálogo com a praça.

Lembrou de espaços como a USP (Cidade universitária) e outros que estão sendo fechados por ações arbitrárias da reitoria – e questionou qual a possibilidade de diálogos da SMDHC com a USP.

#### **Daniel – Em defesa da agroecologia urbana**

Iniciou a fala dizendo que não precisa haver investimento na construção de novos espaços, e sim a reutilização dos que já existem, com hortas comunitárias em escolas e postos de saúde e, ainda toda UBS tem que ser ponto de cultura.

Apontou a necessidade de ressignificar o Elevado Costa e Silva e que este vire um parque urbano o Parque Minhocão.

#### **Paulo Fonseca – horta comunitária da vila Pompéia**

Relatou sobre a tentativa de fazer uma horta na praça Roosevelt, que foi proibida e retirada do local de forma arbitrária e demandou um Diálogo mais efetivo na prefeitura, entre os próprios órgãos municipais para o desenvolvimento da agricultura urbana e das hortas comunitárias.

Lembrou da falta de incentivo da prefeitura na implantação de hortas na cidade.

#### **Marcelo Pascoal – Defesa da rua Augusta**

Propôs que a rua Augusta seja um calçadão aos finais de semana e questionou o fato da especulação imobiliária prejudicar a manutenção dos restaurantes e baladas.

#### **Felipe Oliva – Juntos LGBT**

Reivindicou a “tomada” da praça Roosevelt porque foi associada ao nome do Haddad, mas também foi palco de manifestações Passe Livre e de violência policial.

Destacou a agressão à gays, por motivos homofóbicos, nos espaços públicos e cobrou sobre o fechamento do Parque Autorama, que era frequentado por \LGBTs e foi fechado nesta gestão.

---

Por fim, parabenizou o diálogo, mas criticou a mudança de data da Parada Gay para dia 1 de maio, por conta da Copa, sem consulta ao público LGBT.

Questionou a opinião da SMDHC sobre a Operação Delegada.

### **Julinho - Casa da Lapa – Frente 3 de Fevereiro**

Afirmou que a cidade pulsa, as coisas acontecem independentes do poder público porque a intervenção já acontece. Colocou a existência de limite para freqüentar outros bairros e afirmou que precisa haver circulação na cidade. E nos lembrou que os muros são invisíveis também.

Trouxe a questão do Movimento de graffiti que é barrado pela cidade em nome de pintar muro. Afirmou que é preciso estruturar a molecada, com residências culturais e ateliês abertos para produção artística, com espaço de residências artísticas para estimular a produção. Por exemplo, uma galeria no centro aberta a noite, um local de intercambio de troca e de produção. Propôs a abertura das escolas e os espaços da prefeitura para essas residências, pois o espaço nessa cidade é caro.

Ainda, problematizou a ausência de bancos, locais de encontros na cidade e a atuação da polícia que mata.

Fez um convite a “criarmos vizinhos!!!”, abriremos as casas em diversas regiões na cidade.

### **Bonga –Graffiti**

Ponderou que a cidade é maior do que o centro e que não podemos esquecer a periferia e o que o povo preto passa.

Afirmou que não existe amor e que a molecada está morrendo e a Prefeitura está preocupada “com a beleza e com os individualismos.”

Acredita que não precisa de paternalismo para o graffiti, porque este vai continuar acontecendo na rua, só precisa ser respeitado. Essa arte não precisa ser para educar e pra embelezar. Disse: “o Estado chama a gente pra educar na Fundação Casa e a gente toma tapa na cara no final de semana.”

### **Caroline –**

Cobrou a Revisão do plano diretor e do plano de metas, pois “quando se constrói o muro de 3 metros, a gente já perdeu o direito à cidade”.

### **Evelyn – Busão hacker / Baixo Centro**

Questionou se os processos de diálogos seriam setoriais, pois só havia uma pessoa da periferia e que o formato do diálogo deveria dialogar mais com a proposta apresentada.

Ressaltou termos cuidado com a origem do projeto do Parque Augusta e afirmou que o valor

---

do edital apresentado é baixo.

### **Informe/fala do Cesar – Coletivo Brasil design**

Colocou a importância de repensar as construções e reconstruções nos espaços públicos e se coloca à disposição para conversar com a SMDHC.

#### **Respostas e comentários SMDHC:**

O Secretário ponderou que iniciar o processo de escuta da SMDHC é um desafio, que o formato não é careta e que mais importante do que o cenário, é o conteúdo.

Reconheceu estar aprendendo com as falas dos presentes

Respondeu que a alteração da data da Parada foi em diálogo com a organização da Parada e com a vice prefeita

Coordenador William Nozaki afirmou que uma das funções da coordenação é tensionar a estrutura do governo e sensibilizar para a pauta do direito à cidade

William opinou que não é o caso de estabelecer dicotomia entre espaços da cidade para o encontro. O Governo deve enfrentar as problemáticas da periferia, mas os fundamentos são os mesmos.

Prefeitura não quer ser moderninha, quer democratizar o espaço público.

#### **Falas da Plenária**

##### **Dinho Nascimento – capoeira**

Lembrou do Morro Querosene que valoriza a área com cultura e está passando pela especulação imobiliária.

Apresentou a questão da Chácara da Fonte, como uma “luta de SP para humanidade e não de nossos próprios umbigos”, uma área de deveria ser um parque, mas por questões ligadas a especulação imobiliária ainda

##### **Vitor – Sampapé**

Afirmou que a cidade não é território da prefeitura e que a sociedade civil não sabe como, por exemplo, colocar um banco na praça e as subprefeituras não sabem orientar. Cobrou o acesso a informação para a população fazer independente da prefeitura.

Sugeriu que as calçadas passem a ser responsabilidade da Prefeitura e não dos proprietários dos imóveis.

Apontou a necessidade de linhas noturnas de transporte público e informações sobre elas, não só onde tem atividades noturnas, mas também para os trabalhadores.

##### **Renê – Boliviano – instituto de .....**

Relatou que apresentou um projeto ao Juca Ferreira – SMC, de uma praça cultural da América Latina, e gostaria como articular a SMC a SMDH neste projeto.

##### **Bruno – Revitarte**

---

Reivindicou a não retirada de espaços que já foram ocupados pela sociedade civil. Exemplificou com a pista de skate da espraçada, que não foi apresentada outra opção, conforme foi combinado.

Ainda, cobrou a iluminação solicitada para escadaria do monte azul

Além disso, apoiou o fortalecimento dos coletivos, via projetos da gestão.

### **Tali – marcha mundial das mulheres**

Afirmou que lugar de mulher é no espaço público sem medo da violência e que a cidade precisa der território livre da violência contra as mulheres.

### **Caio – Favela do Moinho**

Falou sobre o Projeto Comboio que é de intervenção urbana, após incêndio de 2012 na favela do moinho.

Criticvou a “falta de recorte de classe na apresentação”.

Convidou o Secretário para o cenário de violação de Direitos Humanos na favela do moinho e afirmou que não existe disposição de conversar por parte da prefeitura. Reivindicou a devolução do trecho do terreno que foi surrupiado após incêndio, a investigação dos incêndios na favela e serviços de luz, água e esgoto urgente. Relatou que há invasão de casas com armas empunhadas na favela, por parte da PM.

Cobrou o dia e horário que o secretário iria ao Moinho.

### **Ana Dupas -**

Afirmou ser hipocrisia falar de ocupação do espaço publico já que a população está ocupando a rua e esta sendo discriminada.

Relatou a Assembleia do parque augusta, de iniciativa da população e afirmou a necessidade de lutar contra a especulação imobiliária com a população.

### **Átila – Paulestinos**

O movimento de arte de rua existe de qualquer jeito, pois está consolidado, independente de

apoio.

Por uma vida sem catraca – para ocupação do espaço público e fruição cultural. Problematicizou que os bailes Funks nas periferias também é ocupação, entretanto muitos frequentadores são mortos a bala pela polícia.

Questionou a abordagem da PM que quando encontra um artista de rua dá “porrada” nos artistas.

**Átila -**

Apresentou-se como morador de rua que fala enquanto cidadão “que vcs são quem nos acolhem e enxergam”. Afirmou que a luta não avança porque esquecem os invisíveis e o olho no olho é fundamental.

Lembrou que há o Comitê para política específica para pop rua, mas questionou “o que de fato é para a pop de rua ? e como informá-la do que tem pra ela?”.

**Celso – Cooperativa paulista de teatro e movimento de artistas de rua**

Cobrou a lei expressão artística no espaço público e afirmou que se garantir a liberdade e autonomia da população, 90 % do trabalho de direito a cidade já está feito.

Questionou a contrapartida material proposta pelo edital, pois muitos projetos tratam do efêmero, por isso sugeriu a revisão da necessidade de ter legado material.

Sugeriu esquecermos a polícia e a guarda e pensarmos em Força Humana, não fardada para mediar as relações humanas. “Chega de polícia, cacete!”

**Marcela Arruda – Muda Coletivo**

Marcel, que trabalha com intervenções urbanas, lembrou que o espaço precisa ser convidativo e também que precisa desenvolver a cultura de querer ir pra rua. “Como criar a cultura para espaço público? Esse é o desafio.”

Apoiar as iniciativas e garantir a liberdade de expressão e de manifestação, seja por cobrança por direitos, ou as propositivas é direito à cidade.

Deixou a questão: “Como construir de fato o Diálogo, descentralizado e acessível?”

**Diego - Ator**

---

Parabenizou a iniciativa e disse que se a prefeitura não ouvir a sociedade, ela vai pra rua de novo.

Solicitou orientação de como concretizar um teatro no centro para as pessoas.

#### **Maurício – morador da praça**

Afirmou que o diálogo é oportunidade de dizer algo, já que os moradores estão à margem da praça. Afirmou que a praça não é dos moradores, e sim da população, mas os moradores não podem ser excluídos, pois são os maiores usuários. Para as pessoas que residem, eventos com 72 horas de som é muito sacrificante. Os moradores têm direito de sossego e descanso.

Apresentou a dicotomia da praça, pois já viu da janela o horror das balas, mas também pessoas sendo roubadas, e afirmou: sem polícia quem garante a segurança de todos?

#### **Ruivo – sarau Perifa atividade – Sacomã Ipiranga**

Parabenizou pela iniciativa, nesta cidade que é a mais rica e desigual. As manifestações de hoje são fruto desses dois lados: periferia carente e outra parte bem coberta de equipamentos públicos.

Solicitou a ida nesses locais (periferias), pois “São Paulo são territórios” e que as ações precisam circular para as pessoas opinarem de acordo com sua experiência.

Colocou a importância de várias ocupações de moradia, cultura, a luta pelo direito à moradia da zona sul, já existentes e os vários equipamentos públicos abandonados da periferia ocupados por grupos culturais. Questionou como esses espaços podem ser entendidos nesse plano. (de ocupação do espaço público).

#### **Marcelo da ZN**

Criticou o edital como instrumento, pois induz a concorrência e tem tendência a ser excludente. A opção é a política pública de fomento a sociedade civil organizada.

Reivindicou que o Estado precisa estar em um espaço como esse como mediador e não como o ator principal que escuta e nunca mais volta.

#### **Marcia – arquiteta e urbanista**

Questionou como essa discussão do espaço público dialoga com os grandes projetos da Prefeitura, como o Arco do futuro e do Tietê

---

**Carmem Sampaio –**

Apontou a falta de banheiros na cidade, também para pessoas que moram na rua e afirmou que “segurar fezes e urina causa problemas psicológicos”.

Apontou a agricultura urbana como opção a lugares que acumulam entulhos.

Afirmou que a cidade impede o prazer e a arte e que machista é o cara que não se sentiu amado.

**Lucas - ?**

Propôs projetos para os espaços de carros parados que deixam o espaço público ocioso e privatizado. Há opção para esses carros que os donos de carro tomam como seus. E deixa de ser espaço das pessoas, são as vagas vivas.

Afirmou a importância dos projetos urbanísticos escutarem a população

---

**Ata registrada por:** Marilia Jahnel (Coordenação de Promoção do Direito à Cidade – SMDHC)